



MAIA, Suzana. **Transnational Desires: Brazilian Erotic Dancers in New York.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2012, p. 231.

Léa Menezes de Santana

Em suas andanças por Nova Iorque, enquanto pesquisadora, Suzana Maia se surpreendeu ao perceber a quantidade de brasileiras da classe média trabalhando na cidade como dançarinas eróticas. Curiosa sobre intersecções sobre nacionalidade e representações do corpo e surpresa por reconhecer naquelas mulheres tantas intersecções com sua própria história (Maia se reconhece como também uma representante da classe média brasileira), a socióloga decidiu pesquisar as histórias de vida e motivações para tais movimentos migratórios. É este o tema do livro *Transnational Desires – Brazilian Erotic Dancer in New York*, publicado pela Vanderbilt University Press em 2012. Adaptação da tese de doutorado em antropologia defendida na Universidade de Nova Iorque em 2007, *Transnational Desires* nasceu principalmente do incomodo de Suzana ao perceber o quanto a representação das mulheres migrantes pode ser lida de maneira incompleta e fria, caso não sejam levadas em consideração as ambiguidades de cada experiência. Contribuindo para os estudos sobre migração, globalização e colonialidades, Maia oferece uma interessante análise sobre como os desejos são produzidos nas zonas de fronteiras, como os marcadores de gênero, raça, classe e sexualidade produzem diferenças e aproximações em distintos contextos transnacionais.

Logo na introdução Maia apresenta dados sobre perfis de migração e pesquisas que apontam para o Brasil como o segundo país (sendo vencido apenas pelo México) que mais envia imigrantes para os Estados Unidos. Na bagagem, além de roupas e lembranças, estas pessoas também carregam rótulos que as descrevem como pobres, vindas de países pouco desenvolvidos, em busca de dinheiro, bens de consumo ou de uma vida moderna, proporcionada pelo desenvolvimento e oportunidades oferecidas em países ricos.

Também é da autora as informações sobre reportagens e estudos apresentando, dentre as ocupações mais comuns para as mulheres, as funções de faxineiras, babás e garçonetes, como também a de dançarinas em bares/clubes masculinos, ocupações consideradas subalternas, porém cabíveis para pessoas com dificuldades em manejar o idioma estrangeiro.

Em sua pesquisa, Maia encontrou mulheres com perfis bastante diferentes da migrante tradicional. A novidade apresentada neste livro é que dentre as brasileiras encontram-se um grande percentual de mulheres de classe média, em busca de realizações pessoais e crescimento financeiro. Como pesquisadora, portadora dos mesmos marcadores de nacionalidade e gênero, também morando nos Estados Unidos, Suzana Maia entende o quanto é mais complexa e diversa a

experiência de ser mulher e estrangeira nestas circunstâncias

Para sua pesquisa Maia conviveu por dois anos com nove brasileiras, representantes da classe média, com idades variando entre vinte e quarenta anos. A maioria destas mulheres tem educação superior completa, algumas com carreiras bem sucedidas; casadas, solteiras ou divorciadas, com filhos ou não, as nove mulheres tiveram diferentes trajetórias para suas chegadas a Nova Iorque. Incentivadas por familiares e amigas, movidas pela aventura ou pelo completo acaso, estas pessoas acabaram por encontrar nos palcos dos bares masculinos um instrumento para adaptar-se à nova realidade, construir redes de suporte e viabilizar sua permanência nos Estados Unidos.

A escolha do objeto de pesquisa não foi aleatória, mas por identificação pessoal. Como também representante da classe média, carregada de valores morais e sociais próximos dos de suas interlocutoras, frequentando bares de strip-tease em Nova Iorque, Maia passou a observar como os signos de feminilidade e brasilidade poderiam ser lidos nos corpos em trânsito, signos tais que também fazem parte de sua identidade. Suzana Maia faz questão de deixar claro, desde a introdução do livro, que entende as mulheres pesquisadas como iguais. Ao contrário das etnografias clássicas que veem o objeto de pesquisa como estranho, ou diferente, Maia investe em trabalhar com mulheres de origens similares às suas, com experiências e vivências parecidas com as que ela própria teve. Seu interesse é quebrar a hierarquia existente nas pesquisas clássicas.

Eu sabia que queria estudar pessoas iguais a mim. Não que a relação com minhas interlocutoras não fossem permeadas por disputas de poder, mas não quis reproduzir um sistema de representações no qual eu estivesse implicada como 'o outro'.<sup>1</sup> (MAIA, 2012, p. 3).

Além disso, enquanto socióloga, trabalhando no Brasil, Maia via o quanto as categorizações e generalizações das etnografias clássicas deixavam de fora as complexidades e dilemas dos grupos pesquisados. Observando as brasileiras que trabalham

na indústria do sexo a pesquisadora se deu conta do quanto os rótulos aplicáveis às dançarinas eram também aplicáveis a si: as representações de brasilidade e feminilidade são compreendidas como iguais, já que pertencentes a uma mesma raiz, apesar dos diferentes interesses, trajetórias ou ambições de cada mulher. Os marcadores de raça e classe, em especial, trouxeram uma identidade comum à pesquisadora e interlocutoras na pesquisa e, como representante da classe média brasileira, Maia também se vê presa a identidades que não a representam adequadamente: mulher, não branca, migrante, brasileira. É este desconforto que move Suzana por toda a pesquisa.

A questão de representação na antropologia e as relações de poder implicadas no fazer etnográfico tem sido objeto de estudos por muitos anos. Eu estava consciente de tais questões e particularmente interessada em pensar como a escrita etnográfica poderia expandir as formas de entendimento sobre as vidas dos indivíduos em sociedade.<sup>2</sup> (MAIA, 2012, p. 3).

Não é à toa que em muitos momentos durante a leitura nos deparamos com o pronome pessoal em primeira pessoa: nós. Ao descrever os conflitos de identidade pelos quais a população brasileira passou desde a abolição da escravatura, a segregação das classes sociais e conseqüente construção da classe média, como também ao tratar das vivências da classe média no Brasil, Maia se coloca no mesmo patamar de suas pesquisadas, marcando novamente a identificação.

Para melhor entender a dinâmica das relações entre dançarinas e seus parceiros, dançarinas e clientes, dançarinas e família, como também suas relações com dançarinas migrantes de outros países, Suzana Maia divide o livro em três blocos: *Brazil, the anti-postcard*; *The Bar Scene*; e *Beyond The Bar Scene*. Dividido em dois capítulos, o primeiro bloco apresenta o local de partida: a formação da classe média brasileira, o desenvolvimento econômico do Brasil desde a década de 1970, passando pela abertura econômica e a crise dos anos 1980/90. Esta primeira parte do livro também

<sup>1</sup> No original: "I knew I wanted to study people who were my equals. Not that my relationship with my subjects was not imbued in power struggles, but I did not want to reproduce a representation system in which I was implicated as an 'other'"

<sup>2</sup> No original: "The question of representation in anthropology and the relationships of power implicated in the making of an ethnographies has been the subject of inquiry for a number of years now. I was aware of those issues and was particularly interested in thinking about how ethnographic writing could expand the ways we understand the lives of individuals in society."

explicita os conflitos na formação da identidade racial brasileira, os debates sobre raça e gênero no país e suas intersecções como a visão brasileira sobre sexualidade. Maia apresenta a classe média brasileira como um entre lugar, também um espaço de trânsito. Em sua leitura, representantes da classe média estão em constante conflito de identidade: entre a negritude das classes trabalhadoras e branquidade das classes altas; invisíveis aos olhos dos estrangeiros que visitam o Brasil; incapazes de alcançar os ideais de bens e consumo dos países ricos, insatisfeitas com as restrições econômicas de um país em desenvolvimento. A classe média brasileira está em constante negociação com as imagens de modernidade e sucesso materializadas em personagens de pele clara (e estrangeira), e as representações da cultura e ancestralidade brasileiras, associadas a peles mais escuras (negras, indígenas) e à classe trabalhadora.

Na definição racial das participantes da pesquisa, Maia usa o termo 'morena', visto que, como é comum na classe média brasileira, elas pertencem aos espectros mais brancos da complexa configuração racial brasileira (nas palavras dela "the whiter spectrum of Brazil's complex racial configuration") Ela justifica a escolha apontando que a categoria 'morena' seria uma tentativa de articulação de tensões identitárias da classe média brasileira, fugindo da associação com a "mulata", ícone histórico da brasilidade e da hipersexualidade.

De tal forma, *morenidade* pode ser entendida como um discurso através do qual as mulheres brasileiras idealizam suas relações com os corpos brancos dos centros de poder, como também, e em última análise, sua movimentação para onde tais corpos poder ser encontrados<sup>3</sup> (MAIA, 2012, p. 53).

No segundo bloco do livro Suzana Maia nos leva aos bares de Nova Iorque: como eles se distribuem pela cidade, as hierarquias entre bairros, perfil dos frequentadores, as disputas de poder e valores associados às diferentes nacionalidades das dançarinas e clientes dos bares. Ela mostra como a racialização não é baseada apenas na tonalidade da pele, mas uma

permanente negociação de fatores como classe, gênero e sexualidade, e que tais fatores adquirem diferentes significados a depender do contexto em que se apresentam. A gentrificação de bairros em Nova Iorque, a localização dos bares, a nacionalidade dos frequentadores de cada estabelecimento, como também dos clientes preferenciais de cada dançarina são critérios para construir hierarquias entre as dançarinas. É interessante notar como o equilíbrio entre os marcadores de raça, classe e brasilidade é delicado e imperioso para a manutenção dos privilégios entre dançarinas: o comprimento e textura dos cabelos, o nível de envolvimento com os clientes, a ousadia no vestuário e coreografia devem ser combinados de forma a instigar o interesse sem demonstrar vulgaridade.

O terceiro e último bloco coloca as nove brasileiras em contato com suas aspirações, suas realizações, os relacionamentos pessoais com família e parceiros dos dois lados da ponte aérea. Como é viver entre Brasil e Estados Unidos? Como se constituem suas relações amorosas? Como manejar as relações familiares? O sexto capítulo explora as estratégias de permanência e manutenção das nove mulheres nos Estados Unidos, suas relações com namorados, patrocinadores, clientes e amigos; e como a nacionalidade, faixa etária e classe social dos homens com quem as dançarinas se envolvem é impactante na determinação de qual papel estes homens podem representar em suas vidas. As relações ambivalentes passam de comerciais a amorosas (e em alguns casos, de volta a comerciais) a depender do status daquele homem perante a sociedade norte-americana e do potencial que tal relação tem na assimilação daquela dançarina pela sociedade norte-americana.

No sétimo capítulo do livro, *Transnational Ties*, Maia propõe uma análise de uma situação que me parece impossível: avaliar se as dançarinas brasileiras conseguiram manter o status classe média em ambos os espaços, Brasil e Estados Unidos. "O capital material que elas acumulam migrando e trabalhando como dançarinas em Nova Iorque soma-se ao prestígio simbólico em casa? Ou o mistério e silêncio que envolve sua vidas compromete as posições sociais

<sup>3</sup> Tradução livre. No original: "Thus, *morenidade* can be seen as an embodied discourse through which Brazilian women envision both their relationship to white bodies from the centers of power, as well as, and ultimately, their move to where those bodies can be encountered."

lá?”<sup>4</sup> (MAIA, 2013, p. 153). A meu ver, as perguntas apontam para uma questão muito própria à classe média brasileira: confundir status financeiro com status social, mas levar em alta consideração moral as formas de se adquirir riqueza. A classe média tem a ambição de se igualar aos países ricos em condições de compra e conforto, mas sob um signo moral bastante tradicional e rigoroso. Usar o corpo, a dança e a sensualidade podem não ser os caminhos mais valorizados para se atingir o acúmulo financeiro, especialmente para mulheres que tiveram acesso à escolaridade e acúmulo cultural.

Por outro lado acreditar que tal tarefa é possível seria desconsiderar as diferenças culturais e sociais entre os dois países. Como a própria autora afirma “o que define a identidade classe média no Brasil é seu pertencimento a um sistema de valores anterior que não se traduz imediatamente no contexto local/global de Nova Iorque”<sup>5</sup> (MAIA, 2013, p. 153).

É interessante notar como a moralidade e as aspirações da classe média estão presentes não só na fala das interlocutoras, mas também no discurso da pesquisadora. É possível perceber marcas deste pertencimento na ausência de contestação ou debate da escritora sobre as falas e/ou ações das interlocutoras de pesquisa. O fato de muitas dentre as dançarinas associarem o casamento com americanos brancos como sinal de sucesso e estabilidade, a falta de cumplicidade entre as mulheres (com evidente preconceito contra as demais latinas e mesmo contra outras brasileiras da classe trabalhadora) não é discutida por Suzana em nenhum momento. As estratégias usadas pelas dançarinas para ganhar presentes e dinheiros de clientes, inclusive reforçando o estereótipo de vítimas em lugar de mulheres autônomas, passa incontestemente pela narrativa da autora. Marcadores presentes nos discursos, construções simbólicas características da classe média brasileira

estão presentes escrita da obra. Tais questões, no entanto, não diminuem o valor da pesquisa, apenas abrem novas janelas de observação: além de ter a classe média sob o microscópio, a leitura de *Transnational Desires* oferece também a oportunidade de perceber como a classe média fala sobre si mesma, como ela se compreende.

O livro de Suzana Maia, ao lado de pesquisas como a de Maria-Elvira Benitez (sobre a produção dos filmes pornográficos no Brasil<sup>6</sup>) também nos ajuda a melhor compreender o cenário da indústria do sexo, do mercado pornográfico, atualizando discussões sobre as práticas da sexualidade e sobre os sujeitos envolvidos em tais práticas. As duas pesquisas tem o mérito de desmistificar espaços estigmatizados, contrastando a realidade das experiências vividas nestes espaços com as subrepresentações de estudos anteriores, desatualizados ou excessivamente frios. Ao aproximar-se de seus objetos de pesquisa, Maia traz para seus trabalhos mais veracidade e nuances que transformam nosso entendimento sobre temas estigmatizados. Trabalhos que seguem estas dinâmicas são imprescindíveis para os estudos feministas hoje, não para negar a existência dos grupos fragilizados (mulheres, migrantes, trabalhadoras/es do sexo) ou da presença de risco e violência nestas situações, mas para provar que outras vivências são possíveis, inclusive vivências de empoderamento, agenciamento e autonomia, através do corpo e da sexualidade.

<sup>4</sup> Tradução livre do original: *Does the material capital that they accumulate in migrating and working as dancers in New York add to their symbolic prestige back home? Or do the mystery and silence that surround their lives overseas compromise their social location there?*

<sup>5</sup> Tradução livre do original: *What defines middle-class identity in Brazil is their prior location in a system of values that is not immediately translated in the local/global context of New York.*

<sup>6</sup> DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo – os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.